

RECÔNCAVO

ISSN 2238 - 2127

CULTURA E CIDADANIA NA FRONTEIRA: REPRESENTAÇÕES NOS JORNAIS DE CORUMBÁ, MS

Waldson Luciano Corrêa¹

RESUMO

O estudo da imprensa de Corumbá, MS, no século XX, demonstrou que a integração cultural na fronteira com a Bolívia foi pequena, se comparada com a de outras cidades brasileiras. Houve uma representação do boliviano e de sua cultura a partir do folclore, na maioria das vezes, fato que dificultou a percepção do outro como produtor cultural moderno tal qual o Brasil. Essa representação decorreu da associação do boliviano com o atraso cultural devido ao predomínio da população indígena no país, principalmente.

Palavras-chave: Bolívia, representação, imprensa.

ABSTRACT

The study of the press of Corumbá, MS, in the Twentieth Century showed that cultural integration at the border with Bolivia was small, compared with that of other Brazilian cities. There was a representation of the Bolivian and their culture from the folklore perspective most of the time, a fact that hindered the perception of the other as a modern cultural producer as is Brazil. This representation came from the association of Bolivian with cultural backwardness due mainly to the dominance of the indigenous population in the country.

Keywords: Bolivia, representation, press.

¹ Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

INTRODUÇÃO

Uma das formas de compreender aspectos de uma cidade, seu cotidiano e seu imaginário consiste no estudo da imprensa ao longo do tempo que permite inferir como se pensou determinada questão, ou que valor se atribuiu a certas práticas. No artigo que ora se apresenta, onde se estuda a fronteira Brasil-Bolívia, foram utilizados os acervos de jornais de Corumbá, MS, do século XX, para entender as formas como se representou o boliviano na imprensa, especificamente a sua condição cidadã, sua cultura e de que forma ocorreu a integração cultural.

O BOLIVIANO, UM SER EXÓTICO.

A respeito do patrimônio cultural boliviano, analisou-se um artigo escrito por um general do exército brasileiro, Francisco de Paula Cidade (TRIBUNA, 05/02/55), que comentou o que se deveria preservar na região de Corumbá, e observou-se que ele ignorou a fronteira e seus imigrantes vizinhos, que compunham a cultura local. Note-se que quando se discute o que proteger, o que expor em um museu, sobressaem os valores de determinada sociedade, suas concepções sobre história, cultura e passado e, nesse sentido, o texto evidenciou, por parte de um indivíduo cosmopolita, uma profunda desvalorização do outro. Na história da política patrimonial brasileira, conforme destacou o estudo de Diniz (2004), esse posicionamento do militar em questão se junta a muitos outros que pretenderam os museus como repositório do exótico, olvidando, proposital ou acidentalmente, da produção cultural das camadas populares. Dessa forma, dificilmente esses indivíduos ganhariam visibilidade na sociedade corumbaense.

Essa digressão sobre a cultura museal permitiu elucubrações sobre a cultura boliviana e sua avaliação pelos locais. Embora não tenha sido encontrado artigo significativo tratando da produção cultural do país em questão, pode-se considerar que a mesma seria apreciada pelo *típico*, por sua vinculação com um mundo nebuloso e místico do indígena que desperta a curiosidade dos indivíduos urbanos devido ao seu

caráter pré-moderno e de aparente ingenuidade. Foi nessa perspectiva que se desenvolveu a reportagem abaixo:

Nos próximos dias 11, 12 e 14, o carioca vai assistir a um espetáculo inédito com muito colorido e som de instrumentos raros. São cinco grupos de dançarinos e músicos do folclore boliviano, que vão se apresentar no Teatro João Caetano. Os artistas bolivianos se apresentarão no Rio cumprindo parte dos festejos comemorativos do transcurso dos 152 anos de Independência da Bolívia. Na ocasião, vão executar músicas e danças de diversas regiões, mostrando toda a beleza do folclore milenar dos incas (O MOMENTO, 03/08/77).

As perspectivas lançadas por Guardia Crespo (2008, p. 50) esclareceram que a marca identitária da Bolívia seria o patrimônio inca. Dessa forma, fica impossível visibilizar a produção contemporânea dos artistas diante do apelo ao que é característico daquele povo, omitindo-se o dinamismo inerente a cada cultura. Nesse contexto, o produtor inexistente, é subsumido pela obra de domínio público cujo autor desconhecido materializa-se na obra simples, no artesanato que não chega a ser arte, no autodidatismo que teoricamente não condensa em si uma interpretação da condição humana, como bem o explanou Santaella (1990) ao discutir as concepções de arte e artesanato no Brasil contemporâneo. Destaque-se que essa interpretação da cultura a partir de sua folclorização não é exclusiva das relações Brasil-Bolívia. A literatura antropológica na Argentina a respeito das interpretações da presença boliviana naquele país mostrou que em outros ambientes, como o escolar, ainda é muito comum, de acordo com Martínez (2012, pp. 79-80), a avaliação do outro a partir do estereótipo que negativiza e empobrece o convívio.

No campo da produção artística, o êxito do imigrante foi apresentado como inusual pela imprensa. Houve apenas um artigo comentando o talento de um artista plástico boliviano que, por não ser representante de uma arte étnica, teve destaque. Foi considerado *artista nato, gênio, com talento maior que sua pequena aldeia e por isso havia transposto montanhas para maravilhar mais pessoas e ensinar-lhes sua arte* (O MOMENTO 01/06/56).

Essa representação do imigrante não é característica apenas dos jornais de Corumbá, MS. Na bibliografia despontaram estudos sobre outros periódicos que analisaram fenômeno similar. Para Silveira (2012), o espaço da cultura é destinado, em muitas colunas jornalísticas, como as da *Folha de São Paulo*, aos imigrantes para que eles sejam abordados para além dos problemas políticos que enfrentam cotidianamente. Por isso há uma fixação no chamado *folclore*, por tratar de aspectos que não atingem o tempo presente com suas inevitáveis contradições.

As agências produtoras de cultura bolivianas também foram pouco comentadas pela imprensa. As escolas, museus, editoras e demais instituições do outro lado da fronteira atravessaram a história regional na obscuridade. Apenas uma reportagem sobre a inauguração de uma emissora de rádio na denominada *pequenina cidade de Puerto Quijarro* foi destacada como sinal de progresso. É visível no artigo a representação da cultura novamente a partir do folclore: *Com La voz de la frontera, nossos vizinhos e irmãos poderão divulgar sua bonita música, seu rico folclore e para todos nós as informações e comentários sobre o progresso que chegou em boa hora à terra gloriosa de Bolívar e Sucre (FOLHA DA TARDE, 07/08/74).*

Ao associar a Bolívia apenas ao folclore, o jornal citado operou uma simplificação que colaborou para a produção de uma imagem negativa da cultura boliviana, caracterizada pela ausência de elementos considerados civilizados e de bom gosto. Dessa forma, o cidadão do vizinho país foi assinalado de maneira negativa, portador de uma cultura inferior ou até mesmo sem cultura, de acordo com a interpretação do senso comum de muitos habitantes do local.

A FRONTEIRA E A RECEPÇÃO DA CULTURA DO OUTRO

A condição do cidadão boliviano no Brasil guarda relações com as formas como este se inseriu na economia local. Já no ano de 1959, o cônsul da Bolívia em Corumbá, em longo artigo publicado a 11 de agosto, expressou seu sentimento de impotência ante a imigração maciça de bolivianos pobres para a cidade e a consequente superexploração dessa mão de obra não qualificada pelos empresários locais, que,

segundo ele, ignoraram as orientações do Consulado no tocante ao respeito dos direitos dos imigrantes fronteiriços (ROJAS, O MOMENTO, 11/08/59).

A respeito dos conflitos fronteiriços cotidianos, Lucena (2010, pp. 01-19) informou que a convivência intercultural é bastante complexa em qualquer fronteira e o problema é agravado pela pobreza dos atores sociais, pelas relações assimétricas de poder que colocam o brasileiro como o indivíduo privilegiado por deter o capital econômico. Nesse sentido, os povos vizinhos encontram dificuldades para externar suas identidades culturais diante do incômodo de sua atuação e pressão por serviços e equipamentos urbanos em uma localidade que não é sua. Na tríplice fronteira estudada pela autora (Brasil, Peru e Bolívia), observou-se a preponderância do discurso identitário brasileiro em detrimento das demais presentes na fronteira. O desempenho dos brasileiros frustrou as tentativas de *performances* étnicas dos imigrantes ou fronteiriços que convivem diariamente naquela localidade. A alternativa que peruanos e bolivianos de fronteira possuem é a de ativarem seu sentimento de solidariedade, de construírem táticas de resistência, de sociabilidade em espaços muitas vezes privados, onde possam congregar-se e continuar em seus respectivos ofícios com a crença de que podem ser respeitados pelo que são.

Em perspectiva similar, Pereira (2011, pp. 01-14), em um estudo sobre recepção da cultura do outro em duas fronteiras distintas (Brasil-Guiana e Bolívia-Argentina), comprovou que há maior dificuldade de circulação de elementos da cultura imaterial boliviana no contexto argentino. Em contraposição, destacou que muitos elementos da cultura brasileira, como o ritmo musical conhecido como forró, por sua vez, circula pela Guiana e até mesmo entre os índios daquele país como uma expressão musical positiva.

Na região de Corumbá, o problema também emergiu com características peculiares. O exame dos periódicos demonstrou que o boliviano não encontrou muitos espaços para o convívio intercultural. Não foi considerado um partícipe ativo da vida da sociedade devido a uma concepção estreita de cidadania atrelada à nacionalidade. Olvida-se que existem outras possibilidades de participação e de respeito à dignidade

do outro que não implicam necessariamente na naturalização do estrangeiro mediante o abandono de outra nacionalidade.

Para Gorczewski e Beloso Martin (2011), a participação do imigrante na vida local é fundamental para o aperfeiçoamento da democracia, devido à pluralidade de ideias que emergem do debate político, e para o combate a toda forma de exclusão com base em diferenças de gênero, etnia, religião, cultura etc.

Há uma concepção negativa sobre o boliviano devido, também, à ausência da celebração do imigrante na fronteira. Na cidade em discussão, não há nenhuma festa ou comemoração que lembre, seja pela culinária ou expressão artística, a presença da população do país vizinho e seus descendentes.

A festa, de acordo com Hartmann (2011, p. 235), opera estabelecendo o que deve ser lembrado ou esquecido na história de uma localidade. Assim, se a fronteira é celebrada, ela fala positivamente ao imaginário local, caso contrário, ela é obscurecida. A respeito do poder simbólico das festas e dos seus diversos significados no Brasil, Amaral (2001) explicitou o papel de mediação, de aproximação e de demarcação dos lugares sociais dos atores dentro de determinado espaço quando da realização das festas. Para ela, a festa significa diluição dos conflitos e tensões, ainda que de forma momentânea. São práticas que permitem um olhar lúdico sobre a sociedade e suas rivalidades. Nesse caso, deve-se perguntar por que ainda não foi possível a realização de festas na fronteira Corumbá-Puerto Quijarro, que ensejem esse tipo de fenômeno.

Uma significativa ação a respeito do conhecimento do outro foi realizada pelo historiador Valmir Batista Corrêa, quando este foi vereador em Corumbá. O mesmo promoveu em um clube da cidade, o Corumbaense Futebol Clube, a apresentação de um grupo folclórico da cidade de Oruro, na Bolívia, que trouxe uma amostra do Carnaval através da Diablada, uma dança que faz parte das manifestações da cultura popular daquele país (DIÁRIO DA MANHÃ, 19/01/80). O artigo foi bastante sucinto, não explicou a natureza do acontecimento, ou se houve algum planejamento do poder público municipal para o desenvolvimento de atividades culturais na cidade. Ignora-se também a repercussão do evento entre os populares, se os presentes compreenderam

o significado das músicas executadas, se expressaram admiração pela beleza da coreografia e indumentária etc.

A segunda iniciativa de aproximação cultural e de celebração da latino-americanidade e, indiretamente, da bolivianidade ocorreu com o Festival América do Sul, lançado pelo governo do Estado de Mato Grosso do Sul, no ano 2004, sob a administração de José Orcírio Miranda dos Santos, do Partido dos Trabalhadores.

O Festival foi concebido para destacar a importância de Corumbá no centro da América do Sul e para dar a conhecer as diversas culturas de países vizinhos através de *shows* musicais, teatro, dança, culinária, artes, além de debates acadêmicos a partir de interesses comuns envolvendo a comunidade local, os visitantes e intelectuais convidados. No entanto, nos últimos anos, a dimensão do evento vem minguando significativamente, seja pela diminuição de países partícipes ou pela agenda pouco criativa de atrações apresentadas, o que inclui repetições de *shows* musicais e a pequena expressão das exposições de artes plásticas que perderam seu impacto inicial. O fato importante a comentar é que o referido evento criou um espaço singular para a apreciação da arte latino-americana e promoveu exposição da cultura boliviana, principalmente pela mídia.

Outra oportunidade de visibilização da cultura do outro, em Corumbá, foi o desfile da Escola de Samba Caprichosos de Corumbá, que elaborou o enredo: *História da conquista de um continente, banhada a ouro, prata e sangue*, para exaltar, no ano de 2012, a presença boliviana na cidade. O desfile contou com a participação de dezenas de bolivianos com trajes de danças folclóricas, sendo bastante aplaudidos, embora a agremiação não tenha sido vencedora (WIKIPEDIA, 2013).

Após esse evento, não emergiu na imprensa ação significativa no campo da cultura de fronteira promovida pelos brasileiros. Houve muito mais convites e proposições de intercâmbio cultural promovidos pela Bolívia no período em questão. Foram encontrados registros de convites para desfiles (DIÁRIO DE CORUMBÁ, 11/09/74), exposições de artistas plásticos locais (O MOMENTO, 04/11/77) e até cartas de escritores *cruceños* conclamando os poetas da cidade a iniciar atividades em

conjunto com o objetivo de travar conhecimento com a literatura regional e realizar troca de experiências (DIÁRIO DA MANHÃ, 05/01/88).

Após as três situações descritas não houve nenhuma outra atividade que pudesse destacar o boliviano na sociedade local. Embora não haja, na cidade, festivais específicos promovidos pela colônia árabe, ou dos descendentes de portugueses e italianos, que materializem um imaginário positivo em torno dessas etnias, a ausência de uma discussão sobre os diferentes patrimônios culturais presentes na região entre as autoridades é sintomático do pouco prestígio desfrutado pelo boliviano nessa fronteira.

As fontes demonstraram a timidez do debate sobre a condição sociocultural do boliviano na paisagem de Corumbá. Assim, poucas vezes ele foi considerado como igual, como cidadão ou como partícipe nas decisões, ainda que apenas no âmbito cultural na cidade. A situação requer que o debate democrático sobre a fronteira seja retomado e que sejam elaboradas políticas que rediscutam o papel do país vizinho no cotidiano regional. Para Jardim (2003. p. 229), o atrelamento do estudo do imigrante apenas pelo viés de sua função no desenvolvimento na Nação impede que se compreendam os códigos culturais, através do contato com o estrangeiro.

Pode-se concluir, com Vior (2012), que as relações interculturais são, sobretudo, relações de poder e envolvem a produção de discursos cujo sentido, a intenção de seus emissores e receptores deve ser analisada a fim de que um olhar e uma escuta mais atenta sobre o outro sejam elaborados e postos em ação em prol de uma sociedade mais solidária.

UMA FÉ QUE SEGREGA?

No âmbito religioso não se observou integração, ou atividades no calendário litúrgico que incitassem os católicos da cidade a uma reflexão sobre a fronteira e seus habitantes. Marin (2001, p. 163), em suas pesquisas sobre a Igreja Católica em Corumbá no século XX, demonstrou que houve grande dificuldade em obter rendas para o Bispado da cidade até a década de 1950, situação que impediu a construção de

igrejas de alvenaria e a imposição da doutrina da Santa Sé. Os jornais informaram que na maioria das vezes a Igreja local permaneceu distante da fronteira e dos bolivianos, mesmo que esses morassem em Corumbá e se utilizassem dos sacramentos católicos mais comuns como batismo e eucaristia. Somente na década de 80 do século XX, é que se verificou a publicação de um artigo que trata de um evento religioso envolvendo autoridades eclesiásticas dos dois países a partir da criação da Pastoral do Imigrante, entidade que surgiu diante da percepção, por parte da instituição, da dimensão social do problema da imigração no mundo todo (O MOMENTO 06/11/84).

Terrazas (EL DÍA, 19/07/13) apresentou dados de censo bolivianos que apontaram que o país possui uma grande população católica, no entanto, não foi encontrada publicação de nenhum convite para atividade religiosa do outro lado da fronteira nas seis décadas pesquisadas (1938-1999). O interessante é que há festividades religiosas muito populares naquele país, como as das santas padroeiras: Nossa Senhora de Cotoca, Virgem de Urkupiña e Nossa Senhora de Copacabana. Também não foi citada celebração das mesmas santas na cidade, realizada por devotos. Acredita-se, contudo, que tal poderia ocorrer, considerando o grande número de bolivianos residentes e daqueles que migravam pendular/sazonalmente para a cidade. A título de comparação, podemos mencionar, com base em Siqueira (2009), que a colônia paraguaia corumbaense, em 1936, fundou no centro da cidade a Igreja de Nossa Senhora de Caacupê, padroeira daquele país, sendo a imagem da santa ofertada pelo então Cônsul do Paraguai em Corumbá, Antônio Alonso Quintana. Outra ausência percebida foi a de pequenas notas de agradecimento por graças alcançadas, que figuram próximas aos anúncios de classificados. Foi encontrada apenas uma nota desse tipo, que rendeu graças a Nossa Senhora de Cotoca, publicada em *Tribuna*, a três de junho de 1956.

Entre as demais religiões/seitas, não figurou menção a nenhuma atividade que envolvesse os dois lados da fronteira. Sabe-se, através de trabalhos com História Oral, realizados por Messias e Diniz (2008), que há uma grande quantidade de praticantes de religiões afro-brasileiras entre os bolivianos da fronteira, que mesclam crenças

indígenas com as práticas da Umbanda e do Candomblé e a devoção às santas bolivianas, com ênfase para o culto à Virgem de Urkupiña, festejada a oito de dezembro.

Em outras partes do país, como na tríplice fronteira que envolve o estado do Acre, o Peru e a Bolívia, estudada por Valcuende Del Rio e Cardia (2009), há um interessante fenômeno religioso que congrega populares dos três países em torno da devoção a uma mulher popularmente conhecida como Santa Raimunda. A existência da mesma e sua trajetória são bastante controversas, e há pesquisas que a citam morta em 1910, enquanto outras a mencionam chegando ao Acre em 1928 (SILVA; CASTRO, 2013, pp. 01-14). A cultura popular relatou que Raimunda teria sido morta no meio do seringal em decorrência de maus tratos do marido, em data não especificada. Embora não tenha sido reconhecido pela Igreja Católica, o culto no mês de agosto atrai grande quantidade de pessoas em uma peregrinação considerável do ponto de vista antropológico, uma vez que há outras práticas devocionais semelhantes na região amazônica. O exemplo presta-se para que se faça uma reflexão sobre as possibilidades de compartilhamento de aspectos do catolicismo popular e as formas como esses elementos se imiscuem no cotidiano. Valcuende Del Rio e Cardia (2009) explicaram que a colonização da região Peru-Bolívia remonta ao final do XIX, o que teria facilitado o intercâmbio cultural a partir das atividades econômicas em comum, ou complementares, com destaque para a extração do látex, o comércio e a agropecuária. No caso da fronteira oeste Corumbá-Puerto Quijarro, a região tornou-se mais próxima a partir do início das obras da ferrovia Brasil-Bolívia em 1938 (SUÁREZ RIGLOS, 2011, p. 83), que permitiu maior afluxo de bolivianos ao Brasil. No entanto, sua religiosidade parece ter circulado pouco entre os brasileiros.

AS PRÁTICAS TURÍSTICAS

Quanto aos atrativos regionais que poderiam gerar fluxo turístico para ambos os lados da fronteira, perscrutou-se atentamente as fontes em busca de indícios de contato durante datas importantes dos calendários das localidades mais próximas. Destacou-se a Feira Internacional de Santa Cruz de la Sierra, organizada em

comemoração ao aniversário da cidade, que tornou-se um grande polo de negócios por reunir centenas de empresários de diversos países durante o mês de setembro, com muitas atividades para turistas e para a população em geral. Os jornais também comentaram sobre os convites recebidos pela Associação Comercial do município de Corumbá para a organização de caravanas para expor seus produtos e serviços. Os artigos elogiaram a participação dos artesãos no evento, que realizaram muitos negócios, e a atuação da esposa do vice-governador na época, senhora Darcy Miranda de Barros, que coordenou um grupo de mulheres na viagem (O MOMENTO, 29/9/76).

O teor do texto permitiu inferir que o contato com a cultura boliviana não estava nos objetivos da caravana matogrossense. O propósito principal do artigo foi exaltar a ação filantrópica e a qualidade do trabalho das *pobres mães de família* que haviam enviado suas peças ao evento. A perspectiva laudatória do artigo em questão expressou bem a concepção utilitária que a classe política local esposava em relação à Bolívia e aos bolivianos. Apresentado como um dos melhores, senão o melhor produto exposto na Feira Internacional, o estande de Mato Grosso recebeu elogios de diversos estrangeiros e convite para uma exposição na Argentina, o que significa que a menção honrosa dos bolivianos e o próprio convite para expor os trabalhos artesanais na cidade de Santa Cruz possuíam menor importância. A gratidão e a cordialidade são sentimentos ausentes no texto em uma imprensa que diversas vezes havia destacado a irmandade brasileiro-boliviana, fato que demonstrou a oscilação das opiniões e suas inegáveis contradições.

Importa notar que, quando ocorria o aniversário da cidade de Corumbá a 21 de setembro, não foi encontrado artigo sugerindo a conveniência de celebrar a data em conjunto com os bolivianos, ou de retribuir a gentileza dos convites ao longo dos anos. De maneira isolada, as solenidades em comemoração ao aniversário da cidade decorriam de costas para a fronteira. Em outras regiões do país, como a tríplice fronteira que envolve a Bolívia, Peru e o estado do Acre na região Norte, registraram-se algumas tentativas de aproximação cultural entre os fronteiriços no sentido de humanizar a convivência e celebrar as diferenças entre as nações de maneira amistosa,

conforme apontaram Valcuende Del Rio e Cardia (2009). A Festa da Praia ou Festival da Praia, realizada em data móvel no mês de julho ou agosto, pode ser considerada uma iniciativa nesse sentido, e reúne indivíduos dos três países em torno de atividades esportivas, gastronomia e *shows* musicais que duram três dias durante a baixa do Rio Acre (LUGARESQUEFAZER, 2013).

Ignora-se, por falta de estudos específicos, o sentido atribuído à festividade por bolivianos e peruanos, mas a mercantilização da comemoração ao longo do tempo pode ter esvaziado a concepção original de conagração proposta, como ocorreu em muitos outros eventos que se tornaram atração turística, o que impede a fruição pelos locais.

Foram encontrados alguns artigos que fizeram menção à necessidade de integração cultural entre os dois países. O fato foi comentado por cidadãos bolivianos que convidaram os brasileiros a prestigiarem as comemorações do aniversário de Santa Cruz de la Sierra e as inúmeras atrações que foram preparadas de *maneira brasileira*, como se perceberam pela análise da propaganda em torno dos rodeios muito apreciados pela população local. (O MOMENTO, 24/11/95).

O artigo destacou que não houve espaço para a apresentação de atividades que expressassem a cultura boliviana, ou que promovessem a troca de experiências e a fruição intercultural. A organização do evento, com vistas ao consumo e a padronização, típicas da indústria cultural, evidenciou a pequena preocupação do empresariado boliviano e das próprias autoridades do vizinho país em destacar seus valores através da imprensa.

Nesse sentido, a busca de contatos na fronteira Bolívia-Brasil, parece ter sido orientada por princípios conservadores que desejaram aproximar os dois países a partir de elementos de grande aceitação apenas na cultura brasileira, como o rodeio. Para Serra, Novaes e Tubino (2003, pp. 341-343), tal prática evoca a identidade interiorana/rural do Brasil e significa uma marca muito importante para os indivíduos após o processo de globalização, ao permitir a realocização do ser no espaço social. Trata-se de um esporte que exalta a força e o talento masculino na arte de domar

animais e encarna os valores de uma sociedade em permanente mobilização em prol do domínio do homem sobre a natureza. Portanto, nada mais agradável, aos olhos dos brasileiros da fronteira ou mesmo residentes na Bolívia, do que observar a realização de um evento que sugere imagens de um país em crescimento e simultaneamente possuidor de homens fortes que não abandonam suas práticas ancestrais.

A respeito do Carnaval, uma data muito significativa no calendário regional, houve pouca ou nenhuma perspectiva de integração na fronteira Corumbá-Puerto Quijarro. Os brasileiros não adotaram postura receptiva em relação ao boliviano, seja com vistas à valorização da diversidade cultural da região, seja tendo em mente as variadas oportunidades de turismo que a região agrega para ambos os lados. Verificou-se que, muitas vezes, o Carnaval foi apresentado como momento de violência, de ilícitos na fronteira² e de competição entre as cidades bolivianas e Corumbá para a atração de turistas e da população local (DIÁRIO DA MANHÃ, 13/02/97).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grande parte desse fenômeno de indiferença/ignorância em relação ao outro, de acordo com Costa (2010, pp. 77-78), decorreu da pequena importância econômica da fronteira no cotidiano de muitos indivíduos de diferentes classes sociais, aliada ao desprestígio do boliviano pobre de ascendência indígena na cidade.

Pode-se dizer também que a fronteira é lá e não aqui, pelo fato da distância física que separa Corumbá da cidade boliviana mais próxima ser pontilhada por manchas de mata nativa que indicam, de certa maneira, a transição de um país a outro em um percurso aproximado de seis quilômetros, diferente do que acontece em outras cidades do Mato Grosso do Sul como Ponta Porã, onde uma rua separa o Brasil do Paraguai³ e propicia certamente uma interpretação diversa da condição fronteiriça.

² No Carnaval, mulher vira tamborim de pancadas. *Diário da Manhã*. Corumbá, MS. 17/01/80. Mulher esfaqueada no carnaval boliviano. *Diário da Manhã*. Corumbá, MS. 25/02/85. Carnaval aumenta contrabando de cerveja. *Diário da Manhã*. Corumbá, MS. 07/02/96.

³ A distância do centro das duas cidades é de 3 km e o percurso dura aproximadamente 8 minutos. 3 km- distância entre Pedro Juan Caballero e Ponta Porã-MS. *Adistanciaentre.com*. Disponível em: <http://www.adistanciaentre.com/py/distancia-entre-pedro-juan-caballero-e-ponta-pora-ms-brasil/DistanciaHistoria/100540.aspx> Acesso em: 25 de fevereiro de 2016.

A pesquisa permitiu concluir que as representações do boliviano e de sua cultura no imaginário local foram elaboradas a partir de concepções conservadoras que idealizavam o *status* do Brasil em detrimento dos países com forte componente indígena. Dessa maneira, a integração cultural que deveria caminhar paralela à integração política foi mais um discurso que uma efetividade, caso se considere que as várias reportagens apresentadas provam não só a percepção da pouca importância da fronteira como da colônia boliviana para a cidade.

A reflexão do historiador sobre a política cultural evidencia que o que se deseja para uma cidade, em especial, a fronteira, é a valorização de seus diferentes componentes étnicos em bases democráticas para que haja possibilidades de um sentimento de pertença e de comunidade.

A popularização desse tipo de debates nos mais diversos espaços de convivência, intelectuais ou não, colabora para a percepção das incongruências e fomenta novas demandas daqueles que se sentem excluídos ou pouco representados pela política cultural vigente.

FONTES

Um museu para Corumbá. *Tribuna*. Corumbá, MT. 05/02/55.

Rubens Zeballos Lescano. O jovem pintor. *O Momento*. Corumbá, MT. 01/6/56.

Graça alcançada. *Tribuna*. Corumbá, MT. 03/6/56.

ROJAS, Julio Antelo. Fragmentos de una labor consular. *O Momento*. Corumbá, MT. 11/8/59.

Moças de Corumbá desfilam na festa de Puerto Suárez. *Diário de Corumbá*. Corumbá, MT. 11/9/74.

La voz de la frontera. *Folha da Tarde*. Corumbá, MT. 07/8/74.

Completo êxito participação do PROSOL na Feira de Santa Cruz. *O Momento*. Corumbá, MT. 29/9/76.

Folclore boliviano no Rio. *O Momento*. Corumbá, MT. 03/8/77.

Artistas plásticos corumbaenses vão expor em Puerto Suárez. *O Momento*. Corumbá, MS. 04/11/77.

No Carnaval, mulher vira tamborim de pancadas. *Diário da Manhã*. Corumbá, MS. 17/01/80.

Carnaval de Oruro. *Diário da Manhã*. Corumbá, MS. 19/01/80.

Bispos brasileiros e bolivianos reúnem-se em Corumbá. *O Momento*. Corumbá, MS. 06/11/84.

Mulher esfaqueada no carnaval boliviano. *Diário da Manhã*. Corumbá, MS. 25/02/85.

Escritores cruceños querem contato com Corumbá. *Diário da Manhã*. Corumbá, MS. 05/01/88.

Festa do peão em Santa Cruz. *O Momento*. Corumbá, MT. 24/11/95.

Carnaval aumenta contrabando de cerveja. *Diário da Manhã*. Corumbá, MS. 07/02/96.

Carnaval boliviano rouba turistas brasileiros. *Diário da Manhã*. Corumbá, MS. 13/02/97.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Rita. *Festa à brasileira. Sentido de festejar no país que 'não é sério'*. ebooksBrasil, São Paulo, 2001. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/festas.html> Acesso em: 03 de maio de 2013.

ASSIS Brasil. *Lugaresquefazer*. Disponível em: <http://lugaresquefazer.com/wiki/assis-brasil-estado-do-acre-brasil> Acesso em: 12 de junho de 2013.

COSTA, Gustavo Villela Lima da. As fronteiras da identidade em Corumbá, MS: significados, discursos e práticas. *Estudos Fronteiriços*. Campo Grande, Ed. UFMS, 2010.

DINIZ, Waldson L. C. *Patrimônio histórico de Corumbá: imagem e poder*. Dissertação de Mestrado. UFMS, Dourados, 2004.

GORCZEVSKI, Marco; BELLOSO MARTIN, Nuria. *A necessária revisão do conceito de cidadania: movimentos sociais e novos protagonistas na esfera pública democrática*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011. Disponível em: http://www.unisc.br/portal/upload/com_editora_livro/e_book.pdf Acesso em: 02 de agosto de 2012.

GRES Caprichosos de Corumbá. *Wikipédia*. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/GRES_Caprichosos_de_Corumb%C3%A1 Acesso em: 12 de janeiro de 2013.

GUARDÍA CRESPO, Marcelo. Culturas raleadas, *UCB*, ano 13, n. 17, Cochabamba, 2008. Disponível em:

<http://ucbconocimiento.ucbcba.edu.bo/index.php/rpc/article/viewFile/414/377>

Acesso em: 03 de fevereiro de 2013.

HARTMANN, Luciana. Performances culturais: expressões de identidade nas festas da fronteira entre Brasil, Argentina e Uruguai. *Etnográfica*, Lisboa, v. 15, n. 02, 2011. pp. 233-259, 2011. Disponível em: <http://etnografica.revues.org/918> Acesso em: 02 de agosto de 2012.

JARDIM, Denise Fagundes. Palestinos: as redefinições de fronteira e cidadania. *Horizontes antropológicos*. Porto Alegre, ano 09, n. 09, pp. 223-243, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-71832003000100010&script=sci_arttext Acesso em: 02 de maio de 2010.

LUCENA, Célia. Narrativas de populações fronteiriças: sentimentos e ressentimentos. *Anales del IX Encuentro Nacional y III Congreso Internacional de Historia Oral de la República Argentina*. CERU/São Paulo, v. 21, n. 02, pp. 01-19, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11916> Acesso em: 03 de agosto de 2013.

MARIN, Jérri Roberto. História e historiografia da romanização: reflexões provisórias. *Revista de Ciências Humanas*, Florianópolis, n. 30, pp 149-169, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacf/article/view/25119> Acesso em: 03 de junho de 2012.

MARTÍNEZ, Laura. Niños migrantes y procesos de identificación en el contexto escolar: “no se animan a contar”. Algunas aproximaciones al análisis de la vergüenza. *Revista Latinoamericana de Educación Inclusiva*, Chile, v. 6, n. 1, pp. 73-88, 2012. Disponível em: <http://www.rinace.net/rlei/numeros/vol6-num1/art4.pdf> Acesso em: 01 de fevereiro de 2013.

MESSIAS, Anielson da Silva; DINIZ, Waldson L. C. As festividades católicas bolivianas em Corumbá, MS. *Anais do IX Encontro de iniciação científica da UFMS*, UFMS, Campo Grande, 2008. 1 CD-ROM.

PEREIRA, Mariana Cunha. Danças e Festas nas regiões de fronteira – *La diablada*, o forró, o reggae e a Parixara - cultura e patrimônio imaterial nas fronteiras Argentina-Bolívia e Brasil-Guiana. *Anais do XI Congresso luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais*, UFBA, Salvador, pp 01-14, 2011. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308343741_ARQUIVO_DANCASNAFRONTEIRA2.pdf Acesso em: 02 de agosto de 2012.

SANTAELLA, Lúcia. *Arte e cultura: equívocos do elitismo*. 2ed. São Paulo: Cortez, 1990.

SERRA, R.A.A., TUBINO, M.J.G. ; NOVAES, J.S. O rodeio como uma manifestação esportiva de identidade cultural do interior de São Paulo. *Fitness & Performance Journal*, v.2, n.6, pp. 341-346, 2003. Disponível em: http://www.fpjjournal.org.br/painel/arquivos/1727-5_Rodeio_esportivo_Rev6_2003_Portugues.pdf Acesso em: 23 de maio de 2013.

SILVA, Rachel Dourado da.; CASTRO, Stélia B. Religiosidade popular: Santa Raimunda do Bom Sucesso no Acre, Brasil. *Anais do XIV EGAL*, Peru, pp. 01-14, 2013. Disponível em: http://www.egal2013.pe/wp-content/uploads/2013/07/Tra_Rachel-St%C3%A9lia.pdf. Acesso em: 30 de abril de 2013.

SILVEIRA, Fabrício. Representações da imigração na Folha de São Paulo. *Observatório da Imprensa*. 28/4/2012, ano 16, n. 691. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/representacoes_da_imigracao_na_folha_de_spaulo Acesso em: 01 de fevereiro de 2013.

SIQUEIRA, Kiasse Sebastiana Moraes. *A inserção de estrangeiros em sociedades fronteiriças: o caso dos paraguaios em Corumbá, MS*. Dissertação de Mestrado. UFMS, Corumbá, 2009.

SUÁREZ RIGLOS, Mario. (coord.) *Puerto Quijarro pasado y presente*. Santa Cruz de la Sierra: Governo Autónomo Departamental de Santa Cruz, BID, 2011. Disponível em: http://issuu.com/nanchin/docs/puerto_quijarro Acesso em: 24 de novembro de 2012.

TERRAZAS, Alexander. Bolivia está entre los 10 países con más católicos de la región. *EL DÍA*, Santa Cruz, Bolívia. 19/07/13. Disponível em: http://www.eldia.com.bo/mobile.php?cat=1&pla=7&id_articulo=122528 Acesso em: 20 de agosto de 2013.

3 km- distância entre Pedro Juan Caballero e Ponta Porã-MS. *Adistanciaentre.com*. Disponível em: <http://www.adistanciaentre.com/py/distancia-entre-pedro-juan-caballero-e-ponta-pora-ms-brasil/DistanciaHistoria/100540.aspx> Acesso em: 25 de fevereiro de 2016.

VALCUENDE DEL RIO, José M.; CARDIA, Laís M. Etnografia das fronteiras políticas e sociais na Amazônia Ocidental: Brasil, Peru e Bolívia. *Scripta Nova*, Barcelona, v. 13, n. 292, 2009. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-292.htm> Acesso em: 12 de agosto de 2013.

VIOR, Eduardo J. Aproximación intercultural a lo político - Reflexiones desde la experiencia de campo. *Anales del XI Seminario argentino-chileno y V Seminario Cono Sur de ciencias sociales, humanidades y relaciones internacionales*, Mendoza, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/4713178/Aproximacion_intercultural_a_lo_politico_-_Reflexiones_desde_la_experiencia_de_campo Acesso em: 20 de abril de 2013.

Recebido em 23 de março de 2016.

Aceito em 18 de maio de 2016.